

## ROBERTO MÜLLER FILHO

**Entrevistadores:** Carla Siqueira e Caio Barretto Briso

**Data da entrevista:** 24/09/2008

### **Qual o seu nome completo, data e local de nascimento?**

Meu nome completo é Roberto Müller Filho – com trema, senão meu saudoso pai se vira na tumba – eu nasci em Ribeirão Preto, interior do Estado de São Paulo em 12 de outubro – o dia da criança e da descoberta da América – de 1941, em plena guerra, portanto. E 12 de outubro é importante porque, além de todas essas datas boas, tem uma outra também, porque foi o dia em que o general [Ernesto] Geisel exonerou o general Silvío Frota do Ministério do Exército, então é uma data para ser celebrada. Eu só não gosto de lembrar que foi o dia em que morreu o doutor Ulysses Guimarães, saudoso, com quem eu tive a honra de conviver e de ser amigo.

### **Quais eram os nomes e as atividades dos seus pais?**

Meu pai e os irmãos herdaram do meu avô, que era húngaro – nasceu no império austro-húngaro, por isso Müller, todos falavam alemão; ele falava vários idiomas. Ele era joalheiro, ourives e ótico; e os filhos herdaram uma loja em Ribeirão Preto, que existiu durante muitos anos, chamada Relojoaria Hora Certa, era relojoaria, consertava relógio e fazia óculos; vendia jóias e consertava. E meus pais e os irmãos dele, exceto três deles; duas moças, tias minhas e o mais novo ficaram na loja tomando conta da loja porque meu avô morreu cedo e ele era casado com uma italiana – ele húngaro e ela italiana –, os filhos eram muito pequenos, tiveram que tomar conta daquela loja e ficaram ali. E conseguiram fazer uma pequena poupança para ir formando – naquele tempo, as meninas foram professoras e o mais novo, que era recém nascido quando o pai morreu, também foi professor. Todos falecidos infelizmente hoje.

### **E a sua mãe, qual o nome dela?**

A minha mãe era uma mulher extraordinária, mas ela, como todas as mulheres daquela época ou a grande maioria, era uma dona-de-casa, uma magnífica dona de casa. Uma mulher muito forte. Cuidava dos filhos, dos irmãos, e eu descobri quando ela morreu, pelos lamentos, pela emoção de um tio meu, que, além de todas as qualidades que eu atribuía a ela, ela era muito hábil e consertava e arrumava todas as brigas de família, porque ele me dizia: "Como é que eu vou fazer agora, que sua mãe morreu, quando eu brigar com a tua tia?", e aí que eu descobri que ela ia lá, consertava, arrumava tudo, acertava, fazia as pazes e nunca aparecia, era uma espécie de uma eminência parda. Foi muito importante para o meu pai, que era um homem muito emotivo, muito doce e precisava de uma companheira que, embora fosse afetiva, afetuosa, era muito forte e muito hábil. Tinha um certo traquejo político inato, que ela exercia nas atividades domésticas e na lida com os filhos.

### **Qual era o nome dela?**

Antonietta Monteiro. Diz o folclore da família que o pai dela, meu avô materno, era da família do Monteiro Lobato. E até provável que seja, porque eles vieram de Taubaté com o café e foram descendo e chegaram a Ribeirão Preto e ao Triângulo Mineiro, essa região onde o café à época era muito forte, então "*se non è vero, è ben trovato*". É bom falar que é descendente do Monteiro Lobato.

### **E como começa o seu envolvimento com o jornalismo?**

É uma história engraçada. Naquele tempo, você fazia o ginásio clássico ou científico e depois é que você fazia o curso superior. Eu era um menino que queria ser advogado. Mas por uma razão prosaica – isso vai parecer uma coisa jurássica, o que eu vou contar para vocês, mas é rigorosamente verdadeiro e nem sei se tem sentido contar, se não tiver vocês cortem depois. Mas eu era jovenzinho, 14 ou 15 anos e tinha uma namorada muito bonita, Lígia, e já estávamos namorando há um certo tempo e as famílias se conheciam e um dia minha mãe me diz: "Meu filho, você vai estudar o quê?"; eu digo "Vou estudar Direito"; "Meu filho, você está empatando a Lígia. Porque você vai ficar cinco anos estudando..." – foi quando eu terminei o ginásio – "você vai empatar a Lígia". "Empatar?" e empatava mesmo, porque as moças daquela época que tinham namorado por muito tempo, dificilmente casariam depois. Havia um preconceito brutal. E eu, tomado de culpa, ao invés de fazer Direito e, portanto, fazer o curso clássico – eu gostava muito de português, de escrever, era metido num grêmio. Naquele tempo tinha um grêmio estudantil muito forte chamado Centro Nacionalista Olavo Bilac e eu participava do movimento estudantil, então eu gostava da coisa política, do que estava

acontecendo no país. Ribeirão Preto era uma cidade de classe média, com já algumas universidades e um centro de debate cultural muito aceso, mas acabei fazendo Química Industrial e virei técnico em Química Industrial. Nessa época, mais ou menos, trabalhava na rádio, a PH7, um rádio clube de Ribeirão Preto. Tinha lá um programa chamado "Reportagem do Dia", que era muito ouvido, porque era ao meio dia e nesse tempo as pessoas almoçavam em casa. Então almoçavam e ouviam ao meu programa. E trabalhava também como jornalista e rádio repórter de um rádio jornal dessa emissora, que era muito bem equipada, que tinha dois rádio jornais: chamavam-se "Rotativa Sonora" – um nome delicioso – e eu fazia reportagens e lia noticiário lá. Fui fazer Química e continuei fazendo essa coisa no rádio; tinha uma coluna em um jornal chamado "Jardim Notícias", uma coluna chamada "Nomes e Notas", nome esse que me acompanhou a minha carreira inteira. Onde eu trabalhei – e eu tive um poder de influência – eu criei uma sessão chamada "Nomes e Notas", uma espécie de lembrança dessa coluna que me introduziu no jornalismo. Depois, no curso de Química, eu tive que fazer estágio e fui fazer na Companhia Siderúrgica Paulista, então em construção aqui em Cubatão, na Baixada Santista. Eu já era do Partido Comunista. Migrei da Ação Católica para o Partido Comunista rapidamente. Lá na Baixada Santista eu estudava siderurgia, porque a usina estava em construção, e fazia a subversão - o que ficou chamado de subversão. Eu era membro do Partido e me reunia e aprendi muito com os velhos – porque eu vim da classe média, classe média-média e fui trabalhar com os portuários, metalúrgicos, petroquímicos, velhos operários, então eu aprendi muito o que era aquilo e do que era para eles o comunismo, que era um pouco diferente do que era para nós pequeno-burgueses. Um dia um deles me viu trabalhando muito lá na Baixada Santista, me chamou – achei que ele ia me fazer uma grande homenagem; porque o Partido era ilegal, mas tinha um jornal, "Novos Rumos", que era um jornal legal e a gente se reunia lá. E ele, eu o via sempre, muito respeitado, um portuário aposentado; e ele me disse: "O que o companheiro está fazendo aqui?" – foi uma lição que ficou para o resto da minha vida – "Eu faço isso, sou do comitê municipal da COSIPA [Companhia Siderúrgica Paulista]; sou do comitê da empresa da COSIPA; comitê municipal de Cubatão; assessor do comitê de zona da Baixada Santista; dou aula à noite de alfabetização para adulto" – e eu fazia isso mesmo, era tarefa do Partido e ainda trabalhava na COSIPA. E eu achei que ia receber a "medalha Lênin". Ele me disse: "De onde é o companheiro?"; eu disse "Eu sou de Ribeirão Preto"; "Não é isso que eu quero saber não. Qual é a origem do companheiro?" – aí eu já comecei a ficar preocupado e contei essa história que contei para vocês, de onde eu vim, meus pais, o que fazia, origem, joalheiros... "Ah sim, o companheiro é da pequena-burguesia" – eu já não gostei,

mas eu era da pequena-burguesia – “O companheiro está muito branquelo”, ele disse. Cidade de praia e eu, com essas atividades todas, não ia à praia. Eu disse: “Não tenho tempo, companheiro. Muitas tarefas”; ele disse: “O companheiro tem namorada?” – e eu ainda tinha a Lígia, que foi para São Paulo, eu a via às vezes, mas era um namoro que já estava se esvaindo. Eu disse: “Não. Não tenho namorada aqui em Santos”; “O companheiro vai à praia?”; “Não, não dá tempo”; “O companheiro precisa arrumar uma namorada e ir à praia. Sabe, companheiro” – ele disse – “o nosso partido, ele gosta muito e recebe muito bem as pessoas vindas das outras classes sociais, o próprio camarada” – o Lênin ele chamava de camarada – “Lênin não era um operário, era um intelectual. Isso que faz avançar as idéias do nosso partido. Mas o companheiro precisa entender uma coisa: a classe operária não tem pressa. A pressa revolucionária é pequeno-burguesa, porque vocês confundem a história com a biografia de vocês. Vocês acham que tudo tem que acontecer enquanto vocês estão vivos”. Eu fiquei perplexo, entre aturdido com aquele precioso ensinamento e um pouco triste, porque não recebi a medalha Lênin naquele momento, mas aquilo foi de grande importância pro resto da minha vida. E eu atribuo isso à convivência, ao privilégio que tive de conviver com os velhos comunistas operários, portuários, metalúrgicos. Em 1964, com o golpe em marcha, por uma decisão do Partido, nós decidimos parar a COSIPA. Eu vou voltar ao porque que eu virei jornalista de novo. Quatro pessoas em um Volkswagen. E paramos a COSIPA. Aí pararam as usinas da Petrobrás, que tem lá, usinas de petróleo e muitas empresas petroquímicas em Cubatão. E, enquanto isso, o Exército vinha avançando e nós sabíamos que havia um golpe em marcha, mas não sabíamos se o presidente João Goulart ia resistir ou não. Fizemos a greve, voltei, fiquei escondido, depois consegui fugir de Santos, vim pra São Paulo e lá encontrei com um velho companheiro da COSIPA, um homem muito experiente, que me deu a tarefa de voltar à COSIPA. Eu sabia que voltar lá era uma coisa muito perigosa, porque eu era muito conhecido, mas era uma tarefa. Eu voltei. Havia um critério para readmitir parte dos que foram demitidos. Foram demitidos três mil pessoas só na COSIPA no golpe de 1964. E eu voltei porque a secretária do vice-presidente, que cuidava de Pessoal na COSIPA, se encantou comigo. Eu ia todo dia no prédio da COSIPA aqui em São Paulo e falava com ela, com muito jeito. E havia três critérios: um deles era ser bom funcionário e eu era; o outro era ter o parecer favorável da chefia e eu teria; e o terceiro era ter trabalhado em, ao menos, uma greve, furado, pelo menos, uma greve. E eu me lembrei que, ao logo do período em que eu fiquei na COSIPA, eu tinha feito estágio em Volta Redonda e lá eu bati cartão de ponto em um dia que havia greve na Baixada Santista. Eles não iam ligar uma coisa na outra e eu disse: “Eu trabalhei. Pode olhar no meu cartão de ponto no

prontuário que está”. E tinha. E ela passou a carta da minha readmissão e ele assinou no meio de outras, sem saber o que estava fazendo direito. Porque se ele tivesse, creio eu, o doutor Manoel Garcia, se ele tivesse se dado conta, ele teria ao menos refletido ou ouvido outras pessoas. Eu acabei voltando para a COSIPA, fiquei lá mais um ou dois meses e aí eu fui preso e levado para um navio-presídio chamado Raul Soares, que era um velho navio que estava apodrecendo e havia servido o Brasil na guerra. Era uma sucata, estava parado lá no mar e era para onde eles levavam no começo só os subversivos e depois, também, os corruptos, tal era a afluência de pessoas que estavam sendo perseguidas e a afluência de corruptos já naquela época. Já começou um combate ao comunismo e à corrupção. Ficou só ao comunismo, ma enfim. Fiquei lá, quando eu fui solto por uma razão insólita – que depois se vocês quiserem eu conto – eu saí de lá e fui para São Paulo. E o que eu podia fazer? Não podia trabalhar em usina siderúrgica nenhuma – já não gostava muito de química e de siderurgia, mas era a formação que eu tinha e uma boa formação. Não podia trabalhar em Volta Redonda, porque eu era conhecido. Não podia trabalhar na Usiminas, que estava em construção ou recém construída; não podia trabalhar na Aços Finos Piratini, que estava começando, eu já era conhecido. Aí, por circunstância, eu tinha um grande amigo que era dirigente estudantil, e que eu reencontrei em São Paulo, ele era primo de um sujeito que era amigo do José Hamilton Ribeiro, um grande jornalista, que tinha um amigo na *Folha [de S. Paulo]* que cuidava do arquivo, chamava-se Cícero e fazia testes. Ele fez um teste para mim, para entrar para *Folha de S. Paulo*. Aí eu entrei na *Folha de S. Paulo*. Eu comecei pelo copidesque da seção de Internacional, para a minha perplexidade, que eu não tinha a menor idéia do que era ser um copidesque de uma seção Internacional, mas de novo, graças à generosidade, ao talento, à grandeza do maior de todos os jornalistas ao meu juízo, que é o falecido Claudio Abramo, de quem eu tive a honra de ser amigo... Demitiram todos os novatos, ele tinha acabado de chegar. Estou falando do começo de 1965. E ele soube e me chamou. E eu era um ignorante, eu estava na Baixada Santista, ignorante das coisas do jornalismo, quem eram os jornalistas importantes. Tinha feito jornalismo e radialismo em Ribeirão Preto, mas passado três ou quatro anos metido ali na siderurgia. E ele me chamou, quando me viu, eu fui lá para me despedir dos meus amigos e ele me disse: “Venha cá!”, ele era um homem bonito, o maior de todos. O pouco que eu sei eu devo ao muito que ele sabia. O Cláudio Abramo me emociona, então vou dar uma maneirada. Ele me chamou e disse: “Venha cá! O que aconteceu com você?”; ele estava entrando na *Folha* e eu, atrevido – até tenho um certo constrangimento de contar essa homenagem à minha ignorância que eu vou revelar. Eu achava que era ele que tinha me demitido. Ele tinha todo o *physique du*

*role* de chefe, de líder. Ficava em uma mesa enorme numa vasta redação na Barão de Limeira, na *Folha de S. Paulo*. E eu achava que era ele, recém-ingressado, que fez a reforma do *Estadão* [*O Estado de S. Paulo*], depois a reforma da *Folha*, um grande jornalista. “Eu não tenho o que explicar ao senhor. O senhor me demitiu”. “Eu não estou falando disso. Eu quero saber se aqueles canalhas te bateram, te torturaram”. Aí eu me dei conta do que era, ainda assim fiquei sem saber o que falar. Ele tinha esse jeito, mas ele podia ter porque atrás disso tinha uma grande generosidade, humildade, embora o que eu vá contar não dê, mas basta um pouco do jeito dele, do *aplomb*: “Você sabe com quem você está falando?”; “Não” - e eu não sabia. “Como você quer ser jornalista se você não conhece o Claudio Abramo?”. E eu me dei conta que realmente era grave. Não conhecer o Claudio Abramo era grave. Ele tinha feito a reforma n’*O Estado* [*de S. Paulo*]. Feito o *Estado* se transformar no jornal que foi. Fiquei meio aturdido e ele pegou – naquele tempo tinha telegrama; telex com notícia. “Vai lá! Vai preparar isso aí”. Aí eu fui readmitido. Eu não cheguei a ser demitido. E eu tenho certeza que não foi, certamente, pelo meu talento – se é que eu tivesse algum. Foi porque ele foi solidário com um jovem que havia sido preso e trancado num navio. A história do navio presídio também foi engraçada, por que que eu saí. Eu gosto de contar porque ela é curiosa, ela revela muito daquele momento. Tem a ver com o nome do grêmio que eu participei que era Centro Nacionalista Olavo Bilac – que tem toda uma coisa da origem positivista do comunismo brasileiro que era nacionalista e democrático. Quando me chamaram para depor no navio-presídio Raul Soares eu fui tirado do navio e levado para Santos. E o coronel – que com quase toda certeza chama-se Rodrigues Alves; espero que esteja vivo porque eu gostaria de revê-lo. E o episódio que eu vou contar para vocês é uma coisa cheia de facetas, pelo menos assim ficou registrado na minha cabeça. Eu, moleque atrevido, fiz um protesto contra a prisão arbitrária de trabalhadores. Mas tinha sabido no navio que o general que assumiu a presidência da COSIPA e que me mandou prender, general Flavio Ferreira da Silva, era nacionalista e ele se opôs à venda das ações da COSIPA para a *United States Steel*. E eu soube disso lá no navio, boataria, novos presos que chegavam e tal e fiquei solidário. No meio do meu depoimento pro coronel eu disse: “Eu queria também, não só protestar, mas também hipotecar a minha solidariedade à COSIPA, ao general Flavio por ter se oposto à venda das ações para a *United States Steel*”. “Mas você é contra?”; “Contra!”; “E por quê?”; “Porque aquilo é construído pelo povo brasileiro, é uma obra do povo brasileiro. Custou sangue e suor dos trabalhadores brasileiros. Aquilo é a riqueza do Brasil. O Brasil se industrializa, só tínhamos Volta Redonda, agora temos a Usiminas, a COSIPA e eu acho que nós não devemos vender isso para o capital estrangeiro”. E o coronel,

para sorte minha, era nacionalista, como a grande maioria era. E ele me estimulou a continuar falando e eu continuei fazendo um discurso nacionalista – vejam que coisa insólita – e ele me abraçou. Eu não entendi direito o que estava acontecendo, me mandou de volta para o navio. Teria ele dito que eu estava solto, mas eu aturdido, talvez emocionado com a minha própria ousadia, eu volto e notei uma coisa estranha: eles não fecharam o camarote onde eu estava preso. Sempre quando a gente chegava, fechava. Fiquei lá. Daqui a pouco aparece lá um cara da Polícia Marítima, que é quem tomava conta dos presos. A Marinha tomava conta do navio e a Polícia Marítima tomava conta dos presos. E ele disse: “Vamos embora, rapaz! Você está solto”. Aí me soltaram. Me levaram para o porto e eu fiquei parado no porto, peguei um taxi e a moça que trabalhava na casa onde eu morava com alguns amigos desceu para pagar o taxi, porque eu estava sem um tostão no bolso, estava sem nada. Então eu fui preso por uma arbitrariedade e fui solto por uma arbitrariedade. Eu posso dizer para vocês que da segunda vez eu fui beneficiado. Mas isso também me deixou uma preocupação: eu fico muito preocupado quando eu vejo as arbitrariedades e quando eu vejo as pessoas confundirem – eu repito: eu tenho uma saudosa lembrança do coronel que me interrogou, porque ele era nacionalista, porque ele me soltou e porque ele era um homem de bem. Mas o que eu quero dizer é o seguinte: existe uma coisa chamada justiça e isso é subjetivo. Eu tenho a minha e o coronel tinha a dele, felizmente, daquele momento ele achava que eu já não era mais um perigoso comunista que queria destruir lares e devorar criancinhas, mas sim um patriota, que eu sou mesmo, até hoje. E ele me soltou porque era justo para ele, mas não era direito. Como não foi direito o golpe e por isso que é sempre importante e no exercício do jornalismo eu procurei sempre seguir isso com muito rigor que é seguir o direito. Eu posso não concordar com as leis, mas se nós estamos vivendo em um regime democrático, eu tento mudá-las por via das eleições, mas eu não posso fazer o meu sentimento de justiça se sobrepôr ao direito. Por mais que eu não goste das decisões da Justiça, por mais que eu ache que elas demorem – e demoram mesmo – e é incômodo que demorem, mas isso é um outro problema. É prover o aparelho judiciário de recursos e alterar os códigos. Então quando você vê os jornalistas cometendo esses crimes – e muitas vezes nós fazemos isso, nós às vezes confundimos o que nós somos. Nós não somos intérpretes da sociedade, na minha opinião, nós não temos mandato popular. Nós somos pessoas que devem registrar os fatos, se possível, com competência e transmití-los nas diversas mídias para a opinião pública. Esta tem o direito à liberdade de expressão. Nós temos o dever de zelar por ele. Mas, infelizmente, às vezes a gente confunde as coisas e fica dando opinião sem avisar ao leitor que aquilo não é uma notícia, aquilo é um contrabando.

Ou então fazemos perguntas grávidas – essa expressão é do Élio Gaspari. Ele diz que perguntas grávidas são perguntas prenhas de resposta. Você faz a pergunta tão carregada de resposta que o pobre do entrevistado... Então, eu estou falando isso tudo e acabei divagando, porque essa coisa do Estado de Direito, cuja transgressão eu fui vítima e beneficiário, me fez refletir sobre isso ao voltar ao jornalismo em nome da decorrência da generosidade do velho Claudio Abramo, que aí me pegou para ensinar. Aí eu virei repórter de economia, fui fazer a cobertura da FIESP [Federação das Indústrias do Estado de São Paulo], fiquei na *Folha* um tempão e aí comecei uma longa carreira que, retomando a coisa de Ribeirão Preto, sem jamais ter conseguido fazer meu curso de Direito. Para a sorte dos advogados e para a sorte do Direito, porque provavelmente talvez eu não fosse tão bom advogado como eu sonhava ser um dia, mas tenho dois filhos advogados, uma médica e dois advogados.

**Acho que para a sorte do jornalismo.**

Isso é uma generosidade sua.

**Correndo o risco de talvez lhe emocionar, gostaria que você falasse um pouco mais do Claudio Abramo. Como era a *Folha* do tempo do Claudio Abramo?**

O Claudio tinha feito o *Estadão* [*O Estado de S. Paulo*]. Ele era um homem de esquerda, mas o Dr. Julinho, o velho Julio de Mesquita, gostava muito dele e sabia disso. Mas houve o golpe e para vocês terem uma idéia até o golpe de 64, o *Estadão* não dava notícias nacionais na primeira página, só internacional. Só no golpe é que deu. Eu sei que o Claudio, por razões ideológicas, divergências, saiu, embora tenha mantido pelo Dr. Julinho um grande carinho e eu tenho certeza de que era recíproco. Mas era de tal magnitude a divergência que o Claudio saiu, passou por maus bocados; andou trabalhando numa TV que tinha, *TV Excelsior*, não deu certo; depois eu sei que ele acabou na *Folha*, há pouco tempo comprada pelo Octávio Frias de Oliveira, que chamou o Claudio Abramo para ser, à época em que se deu esse episódio comigo, ele não era o diretor de redação nem editor chefe, era secretário de produção, que era um cargo que criaram para ele e ele então começou a fazer a reforma da *Folha de S. Paulo*, enfrentando grande oposição de boa parte da redação que estava lá, não porque ele era de esquerda, mas porque – isso é minha interpretação – a presença do Claudio Abramo atribuía medo em todos que não estivessem muito convencidos da sua própria competência. Talvez não soubessem da generosidade dele. Eu ouvi cenas dele que me emocionam ao longo da minha convivência com ele, mas ele manteve-se pela



competência e pela sagacidade do Frias que o escolheu porque sabia que ele era, talvez, o único capaz de fazer da *Folha* um grande jornal, como fez. Ensinou gerações, treinou gerações, trabalhava com adversários, aliados, amigos; era uma grande figura, eu fiquei muito amigo dele; herdei dele uma bengala há pouco tempo, no aniversário de morte dele a *Folha* me honrou com um pedido para escrever um artigo sobre ele. Escrevi muito nervoso, parei em casa, uma hora botei lá o computador e fiquei com medo de escrever sobre o Claudio Abramo; aí lembrei - isso que vou contar é verdade, pode ser meio maluco, mas é verdade - eu fui lá buscar a bengala dele. E falei: "você vai ficar aqui do meu lado, se eu estiver escrevendo besteiras ou coisa errada você me dê uma bengalada, senão você me proteja". E eu fiz um artigo muito emocionado, publicaram, as pessoas gostaram, mais pela memória do Claudio Abramo. Enfim, ele fez essa reforma, me passou para fazer - ele queria reformar a seção de economia, fazer uma sessão mais séria, mais bem feita, mais equidistante, mais imparcial e fez. Eu fui repórter de economia, depois fui editor de economia com ele, sempre me ensinando. Naquele tempo não era comum os jornalistas assinarem matéria, às vezes assinavam. E o Cláudio sofria de terríveis enxaquecas e nem sempre ele estava no seu melhor humor. Ele usava majestosos ternos caqui e uma bengala. Ele era uma figura imponente e ele estava lá em um sábado e a turma do plantão estava lá e, aos sábados, às vezes, você podia assinar uma matéria que fosse mais comentosa e ele estava lá vendo as matérias. Ele gritava: "Desce!" para descer para oficina, fazia o *copydesk* da matéria e mandava descer para alguns andares abaixo onde eles iam compor a matéria. Já a *Folha* começava a fazer a composição a frio, abandonando o chumbo. Claudio viu o chumbo, foi o primeiro a fazer um diagrama no Brasil, no *Estadão*, quando os jornais ainda eram linotipo em chumbo. Eu vi que ele estava lendo alguma coisa e percebi que era o meu artigo. Sorratamente fiquei atrás dele e ele só cortando palavras desnecessárias. Eu, de novo, vou contar uma tolice, mas como são tolices minhas eu tenho o direito de contar. Aí ele olhou para trás, me viu e falou: "Desce"; e eu disse ""Claudio, pode tirar a minha assinatura"; "Por quê?"; "Você tirou tanta coisa..."; "Só tirei palavras desnecessárias! Português é uma língua que precisa ser usada direito! Não pode ficar exagerando, usando adjetivos à toa! De quem você pensa que é isso aqui? Não é meu não! Eu não escreveria isso, jamais! Você deve deixar para ter a honra de saber que eu melhorei a sua matéria, o seu artigo." E eu me dei conta, naquele momento, que tinha sido um tonto, um tolo, para não dizer imbecil. E saiu, com *copydesk*. Ele não acrescentou nenhuma palavra, ele tirou palavras desnecessárias, adjetivos inúteis que eu talvez na minha volúpia de usar o meu parco conhecimento de português tivesse querido exibir tudo em um texto só; e ele tinha um texto maravilhoso.

Depois eu fui honrado quando fui um dos quatro jornalistas que ajudaram a reunir as coisas que ele escreveu em um livro que todos conhecem, que foram as crônicas do Claudio Abramo. Você sabe bem como ele sabia escrever. Depois eu acompanhei o Claudio fora da *Folha*, tentei levá-lo quando eu já estava na *Gazeta Mercantil* para lá, porque ele brigava muito com o Frias [Octávio Frias de Oliveira], tinham uma relação muito tumultuada de amor e ódio; de respeito e divergências, mas conviveram anos e depois por imposição dos militares, esse general Silvio Frota, o Claudio acabou saindo da chefia da redação; eu já não estava mais lá e, depois ele virou correspondente em Londres, depois em Paris – ele estava muito deprimido em Londres e um dia eu liguei para ele, sabendo que ele estava muito deprimido, liguei para animar: “Claudio! Que isso? Você está aí em Londres com um salário razoável”; “Isso aqui parece Piracicaba, eu queria voltar para o Brasil para escrever”. E por isso que ele não foi para a *Gazeta Mercantil*, eu acho, porque a *Gazeta* escrevia predominantemente para executivos, empresários, acadêmicos talvez, mas não era um jornal com uma tiragem como a *Folha*. Eu vou contar uma outra coisa que eu aprendi com ele. Por força de ter virado editor de economia da *Folha*, eu ia muito almoçar com o Frias. Ele recebia empresários em um restaurante da *Folha*, que tinha um viveiro. Você almoçava e os passarinhos ficavam voando perto de você, soltos. As mesas eram postas dentro desse viveiro enorme. Às vezes o Claudio ia, às vezes não ia. Às vezes de bom humor, às vezes de péssimo humor. Um dia, depois de terminado o almoço, despedida a visita, fomos à sala do Frias. O Claudio foi pedir a ele que autorizasse ele a criar uma seção de opinião: “Frias, o seu jornal já é o maior circulação” – o Claudio tinha feito isso – “Agora ele precisa ser o de maior influência. Então eu estou te propondo criar uma ou duas páginas de opinião de pessoas polêmicas, mas respeitadas, com opiniões divergentes” e levou lá três nomes – e esses eu não vou revelar. Jornalistas conhecidíssimos, certamente dois deles não estão vivos. E o Frias ficou muito bravo porque aquilo era caro e os jornalistas eram, pelo menos, controvertidos. Tiveram uma discussão muito dura, o Claudio saiu batendo a porta e eu com medo de ele ser demitido – eu nunca tinha visto aquilo. O dono do jornal e o Cláudio, por quem eu já tinha essa devoção que eu estou revelando aqui para vocês. E o Cláudio saiu e eu fiquei – aí foi um festival de tolices minhas. Eu disse: “Seu Frias, desculpe me intrometer nisso. O Claudio é assim mesmo, ele é temperamental, mas é um grande jornalista”; e o Frias falou “Você acha que se eu não soubesse disso eu agüentava essas coisas que ele faz comigo?”. Aí eu sai correndo e fui ao Claudio, para tentar então segurar na outra ponta. “Claudio, você brigou com o Frias por causa...” aí eu arrumei um argumento do qual eu me envergonho, mas ele revela um outro ensinamento, mas ele pode ser útil. Foi para mim. Ele disse: “Você sabe que esses

caras falam mal de você”; “Eu sei meu filho, mas eles são grandes jornalistas e tem direito ao trabalho”. E eu também jamais me esqueci disso e isso serviu em minha modesta carreira em toda a vez em que eu pude – e foram tantas em que as circunstâncias criaram para eu nomear pessoas, contratar pessoas, que essa lição ficou tão forte como aquela que eu recebi lá na sede do partido comunista, no jornal *Novos Rumos* que disse que a presa era um vício da pequena-burguesia. E eu percebi a grandeza desse homem, a generosidade dele, a solidariedade. Cansou de esconder gente na casa dele, mesmo pessoas de quem ele não gostava pessoalmente, mas que eram perseguidos. Assim como me adotou por eu ter sido perseguido e por ter sido preso. Então, falar do Claudio é difícil, porque por mais que você fale, você não descreve na plenitude a grandeza dele; o talento dele; a coragem. Foi preso pela OBAN – Operação Bandeirantes – Ele e a Radha [Abramo], a viúva dele. Ficamos lá, fizemos um mutirão, esforços para que ele saísse, conseguimos – soube depois que com o apoio e a ajuda de vários jornalistas, entre eles o Mino Carta, eu e com apoio do então governador, se não me engano, Paulo Egydio; não me lembro agora se era governador nessa época ou ministro, mas ele era um homem influente e era um liberal, não era um fascista. E soube que o Paulo Egydio ajudou e eu sei que o Claudio depois de algum tempo foi solto. Me lembro da então pequena redação da *Gazeta Mercantil*: eu subi em cima de uma mesa e disse: “Hoje vamos comemorar a liberação do Claudio”. E ele foi solto. Se você perguntasse – como fazem agora no futebol, é uma coisa estranha: tem o primeiro lugar e depois pula, tem o oitavo lugar. No meu tempo tinha primeiro, segundo... Mas você usando essa regra, tem o Claudio Abramo e depois tem o oitavo, o décimo, porque ele sabia fechar jornal, fechava jornal com uma rapidez e um bom gosto magnífico. Eu me lembro, quando eu era editor de economia, o jornal tinha que fechar muito depressa porque ele estava com a composição a frio e ele passava na mesa da gente tirando os diagramas e botava calhau porque senão não saía o jornal. E ele gritava: “Vamos fechar!”, daquela mesona dele. E às vezes, desesperado, eu me lembro que eu estava ali batucando – eu acho que não era editor ainda, mas enfim, eu estava na seção de economia – e tinha uma maldita coluna que era uma a quatro linhas de sete toques. Era um inferno fazer aquilo. E eu: “Claudio, estou por uma coluna”; “Qual é o assunto?”; e eu disse “É isso!”; “Bate aí” e saía perfeito. Título perfeito. Isso ele fez várias vezes. Sabia escrever; sabia fechar jornal; sabia enfrentar com habilidade e com coragem as pressões. Então é difícil alguém que reunisse tantas coisas assim, por isso que quando eu falo dele me emociono tanto, pela figura dele e pelo tanto que eu devo por aprendizados, exemplos, que eu devo a ele.

**Fale um pouco mais das mudanças que Claudio Abramo fez na *Folha* [de S. Paulo].**

O Claudio primeiro nos ensinou a sermos jornalistas. Escolheu pessoas competentes que soubessem ou estivessem dispostas a aprender a escrever. Reintroduziu as grandes reportagens na *Folha*, reportagens magníficas que ele orientava em grandes episódios; ele orientava pessoalmente. Na guerra de Israel, acho que a Guerra de Seis Dias, ele fez uma edição extra em poucas horas. Ele tinha um gosto por diagramação muito apurado, então ele faz um *layout*. Ele tinha uma coisa de conteúdo e trouxe pessoas com ele do antigo Estadão, meninos que se tornaram em grandes jornalistas. Quando assumiu a direção da redação definitivamente, ele trouxe o Washignton Novaes, o Pimenta Neves, Luiz Weiss... E foi trazendo pessoas que eram bons jornalistas. Outra coisa importante, ele andava procurando nas universidades jovens de talento. De química, de física, sobretudo ciências sociais e vários deles ele recrutou recém saídos da universidade. Então formou uma equipe de repórteres na base da redação muito bem preparados e que acabavam recebendo dos mestres – porque as redações tinham, hoje é muito raro isso, mas tinham grandes mestres. No nosso caso tinha o Claudio Abramo, que era o mestre de todos e tinha seus principais auxiliares, que eram grandes jornalistas e nos ensinavam. Nós aprendíamos pelo exemplo. Então ele mudou o *layout*, a linguagem, reintroduziu as grandes reportagens, nos ensinou a escrever de maneira contida – como o texto em que ele cortou tantos adjetivos inúteis que eu havia utilizado - e a *Folha* de repente ficou um jornal bonito, interessante, noticioso; tinha muito apego ao noticiário internacional, então a *Folha* passou a dar mais cobertura do mundo e no fim, se eu pudesse dizer, com o cuidado – na minha idade a gente não gosta de ser indelicado, até porque é desnecessário e em geral é bobagem -, mas feita essa preliminar, eu diria que o Claudio foi decisivo, o condutor da transformação da *Folha* de um jornal provinciano para um jornal metropolitano, um grande jornal. Foi ele que fez essa coisa cosmopolita na *Folha* de S. Paulo. Porque ele era um cosmopolita. Um filho de pessoas que foram perseguidas por várias ditaduras, o Brasil infelizmente teve tantas, durante tantos anos. Não tantas, mas durante muitos anos cada uma delas. E ele era autodidata. Lia e escrevia em vários idiomas; tinha uma cultura; conhecia literatura; música; pintura; era um grande marceneiro, fazia móveis com grandes precisão. Ele dizia que jornalismo não era uma profissão, era uma ocupação. E desenhava muito bem. Nunca quis, nunca permitiu, nunca expôs. De uma família de gente talentosa, a irmã dele Lélia Abramo, o sobrinho dele, o saudoso Perceu Abramo, grande jornalista; Fúlvio Abramo, uma família de gente muito talentosa, entre anarquistas e comunistas, mas todos irreverentes, todos atrevidos e todos muito bem

preparados intelectualmente. Aprenderam com a vida, com a voracidade de ler, de conhecer o mundo. Nesse livro do Claudio você vê as matérias em que ele conta que ele foi cobrir a Espanha, foi na França... e você vê aqueles textos magníficos, onde tem sentimento. Outra coisa que ele nos ensinou, – ensinou a alguns de nós, talvez eu não seja um deles – é que você pode colocar sentimentos sem ser piegas, sem ser chato. Descrever as cenas. Então a *Folha* foi aprendendo aquilo tudo, muitas coisas talvez ele não pudesse ter feito no tempo do *Estadão* [*O Estado de S. Paulo*], embora tenha feito as grandes reformas. Então trata-se do seguinte: é o sujeito que fez a reforma de dois dos maiores jornais do Brasil. Uma reforma modernizadora de dois dos jornais do Brasil, que ainda seguem sendo. Havia quatro, agora são três. *O Globo*, o saudoso *Jornal do Brasil* – eu posso chamar de saudoso o *JB* porque não consigo mais identificar o jornal que eu vejo hoje, um tablóide, nas bancas com o *JB* que eu aprendi a respeitar um jornal de grande qualidade, com grandes jornalistas, Alberto Dines, enfim. Mas havia quatro aqui no Sudeste. Ele fez dois. Basta isso. Se tivesse tido tempo, talvez tivesse feito os quatro.

### **O próximo passo é a revista *Veja*...**

Eu fiquei na *Folha*, fui repórter, depois cobri economia, virei editor de economia e quando eu cobri economia cobria a Câmara Americana, a Câmara Francesa, a Câmara Espanhola, a FIESP [Federação das Indústrias de São Paulo], a Federação do Comércio, Federação dos Bancos e depois virei editor. E a *Veja* estava sendo feita e o 'seu' Vitor Civita havia convidado o Mino Carta, que era já um jornalista que havia feito a *Quatro Rodas*, *Jornal da Tarde*, era um jornalista já de grande competência e o Mino foi montar uma redação. Montou com jornalistas que existiam. Eu, por indicação de um sujeito que era jornalista, agora acho que não é mais, mas acho que é um poeta, o Carlos Soulié do Amaral, que trabalhou na *Folha* um tempo e estava na equipe nova da *Veja* que ainda não existia, estava fazendo os números zeros. E ele me indicou para ser repórter de economia da *Veja*. Eu comecei a fazer os zeros, ajudar a fazer, participar – foram vários números zeros – simultaneamente a Abril fez um concurso nacional para escolher a seleção dos melhores talentos que seriam os repórteres; muitos deles estão aí hoje brilhando, grandes jornalistas. Eu não, como eu já era jornalista, entrei como repórter já, mas convivia com aqueles meninos e meninas, todos da minha idade e fiquei lá primeiro como repórter, depois como repórter especial. Depois eu fui convidado para trabalhar em uma empresa da casa – havia isso, você podia sair de uma revista e ir para outra e eu fui convidado para trabalhar na *Realidade*, que foi uma grande revista. Já não tanto no tempo em que eu fui, mas no tempo de grandes jornalistas

brasileiros que fizeram – para mim é um mistério porque a *Realidade* acabou, uma revista magnífica com grandes reportagens, fotógrafos fantásticos, fotos magníficas. Já me deram várias explicações, nenhuma delas me convenceu. Fui para a Realidade, eu estava fazendo a minha segunda matéria mesmo – a primeira foi sobre a exploração de chelita, o mineral do tungstênio, no Rio Grande do Norte, o único lugar que tinha uma mina mesmo de chelita. O tungstênio, vocês sabem, é uma coisa muito importante, usada na indústria aeronáutica, usada para fazer os filamentos de lâmpada e é um mineral raro e ele aparece no subsolo e às vezes aparece à flor da terra e ele é descoberto com um aparelho que se chama *mineralight* – deve ter mudado tudo isso, estou contando a minha história. E eu fui mandado para fazer essa matéria e fui a Currais Novos, onde havia essa mina e depois fomos a Lajes no Rio Grande do Norte, onde haviam descoberto um garimpo de chelita. Era de um fazendeiro, se não me engano chamado Raul Capitão, quebrado, e descobriu e ficou rico. Aí a notícia da descoberta de chelita, de um novo garimpo corre, é como se ela tivesse a magia de ecoar pelo norte e nordeste e começam a aparecer garimpeiros de todo lado. E fazem o que chamavam de banquetas – são áreas retangulares e cada garimpeiro, pela ordem de chegada, tem a sua banqueta e começa a cavar para ver se ali tem. E quando tem eles gritam: “Disparou!” – que é porque tem chelita ali e eles tem aquilo, fazem um comércio daquilo e o fazendeiro melhorou de vida, claro. Mas eu fui lá acompanhado de um magnífico fotógrafo que a *Realidade* tinha, chamado Jean Solari que era um francês, um grande fotógrafo. Se você vir essa matéria, por exemplo, que está na coleção da *Realidade*, as fotos dele valem muito mais do que o meu modesto texto. Não precisava nem ter texto, bastaria ter as fotos do Jean. E fiz essa matéria, me esforcei muito, eu era já recém-casado, tinha os meus primeiros problemas conjugais, as minhas dificuldades de sobrevivência, mas estava lá. Já não era mais a *Realidade* do Paulo Patarra, do Milton Coelho da Graça, mas ainda era uma grande revista. Aí me mandaram me fazer uma das primeiras matérias, eu acho, sobre poluição. Porque durante esse tempo o meu inquérito policial militar, meu IPM, continuava e eu tinha que ir todo mês na segunda Auditoria Militar ou prestar depoimento ou ouvir depoimento de testemunhas; ou dizer que eu estava vivo e não tinha fugido. Eu estava fazendo essa matéria sobre poluição quando eu soube que haveria o julgamento, finalmente, na Justiça Militar. Era um juiz togado e juízes militares e eu acho que tinha um procurador civil também. Meus companheiros de COSIPA e eu. Estava no grupo, mas o processo dele foi sobrestado, o Ricardo Zarattini, que foi meu contemporâneo de COSIPA. Mas o processo dele foi sobrestado porque ele também tinha sido acusado de ter se envolvido – depois que provou com tantas coisas, mentira – no atentado ao então

presidente marechal Costa e Silva. Depois ele foi trocado pelo embaixador americano e foi embora para o exílio. Ele não estava julgado, mas pesava sobre nós todos, notórios comunistas e mais o caso do Zarattini que não estava no processo por ter sido sobrestado. Eu soube que íamos ser condenados. Eu já tinha uma filhinha, a mais velha – hoje é uma médica pediatra –, mas era uma menininha. Um amigo pediu ao hoje ministro Eros Grau que me escondesse na casa dele enquanto eu fiz contatos com o partido que ia me levar para o Chile; mandei minha filha para Ribeirão, para a casa dos meus pais e levei a minha mulher, mãe deles, dos meus três filhos, a Tânia, que é uma jornalista; para ficar na casa do Eros e da Rosa, com quem então ele era casado e eles me trataram com grande fidalguia enquanto eu arrumava um jeito de ir para o Chile com a proteção do Partido Comunista, que tinha um esquema de tirar gente do país muito competente. Mas o julgamento não se deu, eu larguei a matéria no meio – quem terminou ela foi o Rodolfo Konder, jornalista da *Realidade*. E eu fui embora e, certamente, tinha perdido aquele emprego. O julgamento foi adiado, mas todos aqueles que não compareceram tiveram decretada sua prisão preventiva. E aí com a ajuda do meu sogro na época, saudoso Dr. Bueno, pai da Tânia – um grande advogado – eu consegui e a ajuda inestimável de um médico comunista, relaxar a minha preventiva, porque como eu tenho atualmente pedra nos rins, eu fui a esse médico e ele disse: “Bom, você tem pedras no rins. Vou dizer que você esteve aqui e teve uma cólica”; “Mas doutor, tem que fazer contraste, tem que fazer urografia excretora”; “Eles não entendem nada disso. Você me traga um raio-x seu com pedra” – portanto feito atrás com a urografia excretora – “e eu vou tirar uma chapa aqui sem pedra e vou dizer que você expeliu. Mostra as duas, dá lá para o seu advogado”. E o meu sogro, Dr. Bueno, que acabou libertando todos nós – diga-se de passagem, advogando de graça – foi lá e conversou com um sujeito do SNI [Serviço Nacional de Informações], que era o escrivão e que ajudava a tomar conta da auditoria e, com isso, relaxaram a minha prisão. Eu podia voltar a ir e vir. Aí consegui um emprego na *Visão*, fiquei trabalhando lá. Já, de novo, estava lá Luiz Weis, Marco Antonio Rocha, o Vlado [Vladimir Herzog] e, na época era dirigida pelo jornalista Pimenta Neves, que era um bom diretor de redação. Eu me atrapalho com essas idas e vindas. Eu sei que eu voltei para a *Folha* em uma época – a *Folha* era uma espécie de pique para mim. Quando eu ficava desempregado e o Claudio Abramo ficava sabendo, ele mandava me chamar ou pedia ao Frias [Octávio Frias de Oliveira] que me chamasse. O Frias gostava muito de mim e eu dele, porque eu tinha sido editor de economia dele.

**Você, na sua época de *Visão*, conviveu com o Vladimir Herzog...**

O Vlado, o Luiz Weiss... convivi com – esqueci de mencionar -, o português Miguel Urbano Rodrigues. Isso é importante contar porque mostra um pouco essas contradições, peculiaridades. Ele era um português, do Partido Comunista português, exilado no Brasil. Depois da revolução em Portugal ele voltou para lá e continuou no Partido Comunista, em um cargo de direção. Mas além de trabalhar na *Visão* ele era, nada mais nada menos, que o editorialista do *Estadão*. Ele escrevia os editoriais do conservador – e bote conservador nisso – Dr. Júlio de Mesquita Filho. O Vlado era uma figura doce – você me perguntou do Vlado. Uma figura doce, bem-humorada, muito talentosa, brincava muito comigo por causa do meu sobrenome que supostamente seria de origem alemã e ele judeu. Brincava comigo, mas éramos comunistas e ele era muito doce, muito talentoso. No período em que fiquei na *Visão* eu convivi muito com ele... Era uma redação de pessoas muito competentes, esses nomes que eu mencionei para vocês. O Paulo Francis trabalhava no Rio, na *Visão*, pelo menos durante o primeiro momento. E era uma revista muito importante, muito reflexiva, à época pertencia ao Said Farah, que comprou os direitos e a marca aqui no Brasil e fez uma grande revista. Depois ela não deu certo, acabou sendo vendida para o Maksoud [Henry Maksoud] e aí sabe Deus o que aconteceu. Eu saí da *Visão*, eu não convivi muitos anos com o Vlado. Continuei amigo dele o tempo todo, mas não convivemos como redação muitos anos. Eu não me lembro agora da ordem. A idade talvez atrapalhe a cronologia exata, mas eu sei que eu saí, acho que fiz um pique na *Folha*, depois eu fui convidado para fazer a revista *Expansão* – que não existia, estava nascendo. Era uma revista de negócios, cujo proprietário era um americano, chamado Harvey Poupel, um gênio de marketing editorial. As cartas comerciais dele dava vontade de aplaudir. Ele se associou a um grande jornalista brasileiro chamado Francisco Pestana, que era minoritário – acho que a lei obrigava a ter um sócio brasileiro – e fizeram a revista *Expansão*. Eu fui convidado para ser diretor da revista. Saí da *Folha*, de editor de economia e fui fazer a revista *Expansão*. Convidei colegas que tinham trabalhado comigo na *Folha*, estavam lá, eram repórteres da sessão de economia, como Tom Camargo, Sidney Bazilli, Claudio Latini, que tinha sido meu colega na *Veja*, Anthony de Cristo, que depois acabou preso e foi um personagem muito importante na missa ecumênica em que a sociedade exigiu quando o Vlado foi assassinado e aí o Anthony e outros companheiros saíram e os militares estavam temerosos daquela coisa popular soltar – mas eu vou voltar, senão eu... Depois da *Expansão*, eu fiquei dois anos, mais tarde ela foi comprada pela Abril e fechada, não sei o porquê. Eu lembro, na *Expansão*, de ter feito uma capa com o 'seu' Victor [Civita]. Uma capa do concorrente, o dono da editora Abril. Eu tinha trabalhado lá, como contei e tive o privilégio de entrevistar o 'seu' Victor. Da



*Expansão*, voltei para a *Folha*. Eu não sei em qual destes períodos eu saí para começar a trabalhar com o ministro, o então empresário Dilson Funaro que eu havia conhecido como repórter e editor de economia da *Folha*. E ele era um empresário progressista, um jovem empresário do grupo dos jovens empresários que estavam assumindo parte do comando da Federação das Indústrias de São Paulo, a FIESP, e me identificava muito com ele porque ele era progressista, jovem, enfim. Um dia ele me ligou – eu preciso situar isso no tempo, não me lembro onde eu estava, acho que na *Folha* – e me disse – era o Governo Abreu Sodré, ditadura militar, portanto; e eu com IPM correndo – “Müller, eu fui convidado para ser Secretário do Planejamento do Estado de São Paulo. Eu não entendo nada desse negócio de governo e eu queria que você fosse comigo”. Eu disse: “Não, Dr. Dilson” – naquele tempo eu chamava de Dr. Dilson e chamei até o fim da vida dele, em público; pessoalmente chamava de Dilson – “nem pense, não quero trabalhar no governo. Seria uma honra com o senhor, mas de jeito nenhum”, e não dizendo os verdadeiros motivos. Os adicionais, porque eu não queria mesmo trabalhar no governo, mas tinha outro impedimento: eu tinha um IPM, o Inquérito Policial Militar, correndo, na Segunda Auditoria. Ele disse: “Não, eu faço questão”; eu disse: “Olha, Dr. Dilson, então eu vou ter que lhe explicar uma coisa” – agora eu conto essa história para ele e ele retira o convite – “Eu estou respondendo a um processo”; “De que?!”; “Subversão”; “Mas o que aconteceu?”, eu contei rapidamente que trabalhei em Santos, esse negócio de subversão. “Ah, e não acabou isso?”; “Não”; “O Sodré me deu carta branca, vamos ver se eu tenho mesmo” e desligou o telefone. Eu fiquei falando sozinho: “Não! Não faça isso!”. Daí a pouco ele me liga e diz: “Tudo bem, o Sodré disse que tudo bem”. Aí eu tive que ir. Quem não iria? E devo ao Sodré isso, porque o dia em que eu fui julgado finalmente, eu parei em um carrinho oficial na porta. E o Sodré, como eu disse ao meu filho, menino ainda, quando eu o revi um dia nos Palácios Campos Jordão, que o então governador [André Franco] Montoro me convidou e convidou a família Sodré, para eles reverem o Palácio de Campos do Jordão. E eu fui junto também, nós estávamos visitando o Palácio e o Sodré tinha muito apego àquele Palácio, que ele ajudou a remodelar e eu disse ao meu filho: “Esse sujeito aqui, esse senhor, me devolveu a cidadania. Porque como eu passei a trabalhar no governo e no meu julgamento o meu sogro juntou, fora de prazo, mas juntou fotos minhas como repórter da *Folha* ao lado dos ministros na inauguração de Ilha Solteira, Jupirá, Costa e Silva, e o fato de que eu era assessor do secretário de Planejamento. Se eu fosse um perigoso como esse, tinha morto todas aquelas pessoas que estavam comigo nas fotos e com as quais eu convivi”. Acho que um pouco por causa disso também eu consegui ser solto. Depois eu voltei para a imprensa.

### **Em 1974 você vai para a Gazeta...**

Em 1974 eu fui convidado para fazer o projeto da *Gazeta Mercantil*.

### **Como a cobertura de Economia foi se transformando ao longo da ditadura militar e qual foi o papel da censura nessa história?**

Sobre isso há várias interpretações. Alguns dizem que o jornalismo econômico cresceu à época da ditadura porque havia censura sobre todo o noticiário político. Isso é um pedaço da verdade. O outro pedaço é que, de alguma maneira, o Brasil cresceu; houve a época do milagre em que as empresas cresceram; houve depois problemas de divergência, já com uma indústria e com um sistema bancário mais forte de tentativa dos empresários de interferir na coisa pública e na política econômica. Isso tudo havia criado uma demanda reprimida por informações de negócios. No tempo em que eu tinha sido editor de economia da *Folha*, você já tinha talvez quatro, cinco, seis páginas de economia, e isso não era só na *Folha*. Então havia. O que não havia era um jornal de negócios e era uma coisa que eu tinha na cabeça porque eu tinha sido editor de economia e tive sorte de ter sido chamado para fazer o projeto para a *Gazeta Mercantil*, em 1974. O jornalismo de negócio, de economia, evoluiu para suprir a demanda, a economia foi crescendo, a demanda reprimida de informações de economia e negócios que havia. Se a censura política ao noticiário político ajudou? É possível. Mas só isso não explicaria o florescimento. Isto tem a ver com o crescimento da economia, a sofisticação das empresas, a passagem das gerações dos velhos pioneiros para os seus filhos; a profissionalização da gestão das companhias, das empresas brasileiras; a presença crescente de empresas multinacionais; isso tudo criou uma demanda que ficou reprimida até que os jornais de negócios, sobretudo a *Gazeta Mercantil*, que vinha de jornal antigo, que era especialista em publicar títulos protestados e falências de concordatas e me convidaram para fazer um outro projeto. Aliás, convidaram o Hideo Onaga, um grande jornalista, que foi quem fez o primeiro modelo. Eu fui convidado junto dele. Eu estava na *Expansão* e fiz até uma matéria que ia sair a *Gazeta Mercantil*, matéria com o Luiz Fernando Levy, que era filho do doutor Hebert Levy, que era um deputado da UDN, conservador, mas liberal, para fazer o jornal que era da família dele e ele vendeu as rotativas na rua do Gasômetro para contratar jornalistas e começou a imprimir nas sobras de máquinas da *Folha de S. Paulo* na Barão de Limeira. Foi assim que nasceu a *Gazeta*. Eles me convidaram e convidaram também o Hideo e, claro, ele foi escolhido porque ele era melhor que eu, mais experiente que eu, mais tarimbado, mas ele se desentendeu lá exatos nove meses depois de ter ido. Aí me ligaram de novo e eu já estava na

*Folha*, tinha pedido para sair da *Expansão*, e eu aceitei. De novo o Claudio Abramo. Eu disse a ele: "Claudio, tem esse convite aí para dirigir esse jornal, até impresso aqui nas rotativas da *Folha* e eu tenho um jornal na cabeça"; ele disse: "Vai meu filho. Esse é um emprego para uns dez anos. Essa gente é gente direita", porque o Claudio tinha essa convivência com a UDN pelo lado dos Mesquita, que o Dr. Julinho era chefe geral, mentor, temido, da UDN. E eu fui. Estava na *Folha*, meio sem o que fazer, como editor especial, que era uma coisa que o Frias queria, que eu voltasse para lá. Eu não quis ser editor de economia porque tinha um grande editor de economia e eu disse que não aceitava ser editor de economia, a quem eu devia favores enormes, quando no meu começo na *Folha de S. Paulo*, as primeiras semanas, lá em dezembro de 1964, janeiro de 1965, até a chegada desse episódio com o Claudio, o Matias Molina – esse sim, é o fundador do jornalismo de negócio. Eu tive a sorte de fazer primeiro a fazer o jornal, mas ele, a primeira pessoa que eu ouvi dizer que queria um jornal de negócios foi o Molina. Depois eu mexi, mas eu gosto de deixar isso claro para que as pessoas não achem e não repitam que o Müller inventou o jornalismo moderno de negócios no Brasil. Não, eu tive a sorte de fazer o primeiro jornal nacional de negócio, tive alguma influência, talvez algum mérito; transpirei muito e tive pouca inspiração, muita transpiração, mas o Molina que fez. E o Molina, na época que eu estava contando – ele pegava os textos, que você tinha que fazer o *copydesk*, você fazia com uma caneta e corrigia, botava acento ou escrevia. Em geral você pegava os telegramas da *Associated Press*, da UPI e colava uma retranca, que é onde você punha o título e lá você colocava o nome do preparador, que era o *copydesk*. E o Molina, eu soube anos depois, ele nega até hoje, que eu estava catatônico – saí da cadeia, não sabia nada de jornalismo, perplexo e, durante algumas semanas, não sei quanto, ele fazia o dele e o meu e punha meu nome. Escrevia Müller. Então, eu não poderia, na volta à *Folha*, aceitar ser editor de economia. A outra vaga que haveria, editor de Internacional, e eu não tinha cacoete para isso. Aí o Frias: "Então você vai ser editor especial" e fiz uma matéria que foi comemorando o aniversário do Golpe do 64, fiz uma página – comemorando não, a propósito do golpe - mas fiz uma página contando como foi o golpe, não assinei, não era uma coisa de elogios, mas nem de longe havia críticas. E foi aí que me chamaram para fazer o projeto da *Gazeta*. Porque o Hideo saiu, coincidiu com isso e o Claudio: "Você está aqui mesmo, ninguém te dá matéria" – só o Frias e o Claudio Abramo me davam matéria para fazer. Ninguém dava, sabe-se lá porquê. Aí eu fui para a *Gazeta Mercantil* e comecei a fazer. Eu perguntei pro Luiz Fernando Levy se eu podia fazer o jornal que eu tinha na cabeça, ele disse: "Pode. Não pode gastar mais que o orçamento, porque tem o orçamento já aprovado pelo Hideo"; "Tá bom". A outra pergunta que

eu fiz: "Dizem que ele saiu porque vocês interferiam muito..."; ele disse: "Não, isso não é verdade"; eu falei: "Isso vai acontecer comigo?"; "Não. Você fará o jornal que você quiser, desde que seja imparcial". Depois o pai dele me disse: "Eu quero um jornal temido, isento e independente. E filho acrescentou: "E rentável"; e foi rentável durante muitos anos, mas essa é outra história. Em 1974, mérito deles, do Dr. Herbert e do Luiz Fernando – eu posso falar isso muito a vontade, porque eu sou credor da Gazeta Mercantil, sou suspeito para fazer essas observações, mas me devem lá um dinheirinho, para mim bastante, está na Justiça, mas isso não impede que eu os veja com clareza. Eu sou amigo do Luiz Fernando até hoje. Não gosto da idéia de não ter recebido, mas isso não impede que eu tente ser lúcido, ou pelo menos que eu tente. E seja o pai dele, seja ele, fizeram ou permitiram que fizessem e investiram nisso, primeiro vendendo as rotativas para contratar jornalistas, perceberam que havia um momento, uma demanda reprimida por informações de economia e negócio e permitiram que eu fizesse um jornal independente. Eu fiquei 20 anos lá e depois eu voltei, seis anos e meio depois, para tentar a reestruturação, quase conseguimos, fiquei lá dois anos, não devia ter feito isso, mas aí a paixão... Mas nesse período todo eu fui editor chefe, consegui montar, com a autorização deles, uma redação em que havia vários comunistas, como eu, e formou grandes talentos da imprensa brasileira, quase todos os que ocupam hoje funções importantes nos jornais de economia, *Valor*, *DCI* [*Diário Comércio, Indústrias e Serviços*], na própria *Gazeta Mercantil*, nas editorias de economia dos jornais, das revistas, das televisões, do rádio, vieram de lá. Tinha regras de conduta, o jornal não aceitava convites quando ele ia fazer uma cobertura, se ele tivesse dinheiro, ele pagava, se não tivesse ele não ia. Casos excepcionais como uma plataforma de petróleo, aí não tem avião de carreira, aí você deixa ele ir. O jornal ouvia as partes. Eram dogmas. Todos os jornalistas – isso fui eu, reconheço, num momento de falsa modéstia – assinavam matérias. Acabei com o copidesque. Se você soubesse escrever... Porque em geral em um jornal de economia, o copidesque não sabia de economia, ele ia lá, metia a mão e piorava a matéria e às vezes errava. Então todos eles tinham texto. Claro, os editores olhavam, criei uma figura chamada secretário de editoria, que era para criar, dentro do jornal, uma coisa que eu chamo de *bouquet*, um leque de *newsletters*. E começamos a fazer as especializações: finanças, agricultura, matérias-primas e formar equipes com especializações. Fizemos convênios com a Unicamp e com a Fundação Getúlio Vargas para treinar os meninos e as meninas e fomos fazendo. Fizemos um acordo editorial com o *Financial Times*, outro com *Wall Street Journal*, outro com o *Economist*, nós tínhamos exclusividade em reproduzir conteúdo deles aqui. Os jornalistas tinham, portanto, essas regras, ouvir as partes.

Opinião de jornalista saía na seção de opinião; escrito que era opinião de jornalista e eram poucos que eram convidados a dar sua opinião, então os jornalistas eram jornalistas que se formavam, se especializavam em algumas editorias, se familiarizavam com as fontes, ofereciam seu nome, porque o risco é seguinte: ou você é sócio de um sucesso ou é cúmplice de uma malandragem. Então é melhor expor o nome de todo mundo, porque aí a chance de que você faça uma coisa boa, é maior. E foi bom para os jornalistas, porque melhorou o valor de mercado de cada um, porque se você se expõe... Isso tudo foi feito e eu ia dizendo que ao longo desses 20 anos a família Levy nunca me pediu para ler uma matéria antes de ser impressa. Nunca me pediram para tirar ou pôr uma matéria. E nunca me pediram para perseguir ou proteger alguém. Isso eu devo, em nome da verdade, dizer em benefício deles. Conservadores, Dr. Hebert foi um dos líderes do Golpe de 64, mas aquela direita de antigamente era melhor. Era uma direita que tinha alguma coisa na cabeça. Tanto que ele sabia de mim. Uma vez eu fui convidar – logo no começo – um conhecido jornalista que tinha sido – eu vou contar: o Dirceu Brizola, que já era um conhecido jornalista e já tinha trabalhado no *Opinião* ou no *Movimento*, e saiu de lá. E o Molina me disse: “Olha, o Dirceu saiu de lá” e eu convidei, tinha vaga. O superintendente da época me chamou e disse: “Olha, eu soube pelo departamento pessoal que você convidou o sujeito”; “É, convidei. Convidei não, já está trabalhando, está registrado aí”; e a redação era na Barão de Limeira e o escritório do Luiz Fernando era no Centro Velho, no Centro bancário, na Rua da Quitanda. E eu fui ganhando tempo, que nós íamos ao encontro do Luiz Fernando porque eu não queria resolver aquela coisa ali porque eu achava que tinha acabado a minha carreira na *Gazeta Mercantil*, porque eu não ia demitir o Dirceu Brizola. E chegamos com esse lengalenga na sala do Luiz Fernando. Eu disse: “Luiz Fernando, fulano está preocupado com uma contratação que eu fiz”; “Por quê?”; “Porque parece que tem...” – e eu com medo, vocês vêem pelo meu relato e eu cauteloso, com medo da reação dele; então tentando ir contando aos poucos – “Não, parece que há certas restrições políticas”; “Mas que restrições?”; “É, dizem que ele é meio de esquerda” – porque o fato relevante é que eles tinham sido forte adversários no movimento estudantil, adversários mesmo, antes do golpe, o Luiz Fernando da direita e o Dirceu Brizola, segundo o Luiz Fernando, da União da Juventude Comunista. “Quem é, Müller? Fala o nome”; “Um amigo meu...”; “Müller, fala o nome desse cara”; “Chama-se Dirceu Brizola”; “Meio comunista não. Ele é comunista e a irmã dele também”; “E aí, o que quer dizer isso?”; “Nada. O que ele está fazendo?”; “Agora é que ele está trabalhando no seu jornal”; “Não, fazendo na vida?”; “Casou, tem filhos, que nem você, eu, todo mundo”; “Ah, então traz ele aqui para eu dar um abraço nele que faz tempo que eu

não vejo” – esse é um episódio que eu devo contar porque falam tão mal – até eu como credor falo mal do Luiz Fernando, mas essas coisas é que são relevantes. As dívidas comigo é uma coisa que a Justiça resolverá, como outros tantos companheiros que precisam tanto e ficaram em uma situação difícil. Isso é grave, mas não é menos importante esse papel naquele momento do Brasil. A *Gazeta Mercantil* produziu documentos, produziu – no tempo em que não se votava no Brasil – eleições de líderes empresariais que fizeram o famoso Documento dos Oito, que abalou a ditadura. Eu soube e me lembrou um companheiro outro dia, em uma festa, que o Marcos Vianna, então presidente do BNDE – não era BNDES ainda – teria dito, quando saiu o Documento dos Oito: “Vocês destruíram a ditadura”; “Por quê?”; “Porque a ditadura era um pacto entre a burguesia com a burocracia e os militares. Vocês tiraram a burguesia.”, porque os empresários fizeram duras críticas ao regime militar e à política econômica, e à falta de liberdade no Documento dos Oito, um documento assinado por oito empresários que haviam sido eleitos em uma eleição livre, com urna lacrada, uma coisa séria que era feita todo ano, quando nós lançamos a revista *Balanço Anual*, que era para concorrer com *Quem é Quem da Visão e Melhores e Maiores* da Abril. Então criou-se essa coisa da eleição dos líderes. Então essas coisas tiveram um grande papel no que eu chamo de atacado. Não que a dívida conosco seja irrelevante, não, faz muita falta e para algumas pessoas muito mais até do que para mim. E é ruim, eu conheço bastante essa história para entender o que aconteceu, mas não seria justo que eu não mencionasse o que, a meu juízo, foi importante do atacado, da coisa política, da coisa da preservação ou da retomada do Estado de Direito, da liberdade democrática, da permissão para os jornalistas escreverem. Ninguém escrevia o que achava lá, nem a direita, nem a esquerda. Escrevia o que acontecia e era treinado para escrever direito sobre economia e negócios. Então eu fiquei lá 20 anos, com uma interrupção que foi quando eu fui seqüestrado pelo ministro [Dilson] Funaro. Ele, então, foi convidado para ser ministro, um país recém democratizado; Tancredo [Neves] morre sem assumir, [José] Sarney assume. O ministro [Francisco] Dorneles tinha lá uma política econômica meio combinada com o regime militar, de o Brasil se submeter às regras do Fundo Monetário Internacional. Consta que Dr. Tancredo teria concordado com isso e, quando assume o ministro Dorneles, consta que ele iria conduzir nessa direção, que é a direção clássica das economias. Mas acabou que eles se desentenderam, ele e o presidente Sarney e ele saiu. E o Funaro, que era amigo do Sarney e era então presidente do BNDES, convidado pelo Tancredo, que foi a passeatas, era um empresário progressista. Tanto que ele colocou lá, no governo Sodrê, bancou isso aí. O Funaro assume o Ministério da Fazenda e eu tinha estado com ele no sábado quando ele me chamou, e ao João

Manuel Cardoso de Mello e o professor [Luiz Gonzaga de Mello] Belluzzo, e trabalhamos com ele lá na época que ele foi secretário. Ele disse que tinha sido convidado. O Dornelles acabava de pedir demissão e o Sarney convidou para jantar com ele domingo. E no sábado ele chamou nós três – porque eu tinha parado de trabalhar para ele, porque voltei para a imprensa, mas continuei amigo dele – e nós fomos nós três lá na casa dele e havia essa possibilidade que ele fosse convidado. Ele queria bater uma bola com a gente, conversar um pouco sobre economia, sobre o Brasil. Domingo ele jantou, foi convidado e segunda-feira ele foi anunciado. E eu fui após, fui junto com o dono do jornal, o Luiz Fernando Levy. Eu ia saindo depois de dar os abraços, o assessor de imprensa do João Sayad que era ministro do planejamento, corre atrás de mim lá na porta do ministério: “Pediram para você ficar aí”. Eu voltei, já me deu um frio na espinha. Eu disse que não queria e ele: “Fica aí que eu quero falar com você”. Aí o Luiz Fernando diz para mim: “Então eu vou, volto para São Paulo. Você fica aí, muda a passagem e amanhã você vai. Mas eu fiquei com medo, porque eu não queria trabalhar no governo outra vez. Eu era vice-presidente então, da *Gazeta Mercantil*. Eu só não cuidava da área industrial, do resto eu tomava conta de tudo. E é a minha vida, tinha passado tantos anos lá. Mas o [Dilson] Funaro, à noite, depois de tudo, com um grupo de amigos, não fez um convite, ele disse para o Nestor Jost, que então era presidente do Banco do Brasil: “sabe Jost, o Müller vai ser o meu assessor de imprensa”. Eu saí da sala e o Carlos Lessa, que estava lá, saiu atrás de mim e eu disse: “Eu não posso assumir isso de jeito nenhum”, eu nunca esclareci isso, por mais que sejamos amigos, mas ele achou que eu não queria ser assessor de imprensa, o que eu não aceitaria em hipótese nenhuma, eu estava protegendo a *Gazeta Mercantil*. E ele cochichou qualquer coisa com o Funaro e eu volto, sento ali e ele diz: “Não, ele vai ser isso aí da imprensa, mas vai ser chefe de gabinete também”. Mas não era isso, eu não queria isso. Quando eu fiquei sozinho com ele eu disse que não aceitava. Ele disse: “Tá bom. Então dorme aí e amanhã a gente conversa”. Ele ainda estava no hotel, ministro recém-empossado e eu estava no Hotel Nacional, ele estava em outro. E eu: “Amanhã eu pego o avião e volto para São Paulo”. Cedinho, toca o filho dele que estava com ele no outro hotel: “Seu Müller, tudo bem?”, porque eu tinha combinado que ia ao ministério para discutir, “Tudo bem”; “Então, o papai e eu estamos passando aí daqui a pouco para te pegar”; “Não faça isso! Vai parar o carro do ministro aqui...”; “Não custa nada” – de fato, passou e percebeu quais eram as minhas verdadeiras intenções. E me levam para lá. Aí foi um pau de arara e eu disse que não, que de jeito nenhum e voltei de lá dizendo que não. Chego aqui em São Paulo, vou para a *Gazeta*, entro na minha sala e vem o Luiz Fernando Levy: “O ministro Funaro ligou e me pediu você por empréstimo e eu cedi”; “Como

cedeu?! Você está me mandando embora?"; "Não! Eu não posso falar não para o Ministro da Fazenda! Depois é amigo nosso"; "Mas Luiz Fernando, eu não vou!" – e eu fazia na época um programa de televisão chamado "Crítica e Autocrítica" e nós íamos entrevistar – era um programa ao vivo, em geral – o Abílio Diniz e eu: "Luiz Fernando, eu preciso conversar com a minha família, meus três filhos e a minha mulher. Eu não quero ir e você está me mandando ir. Eu gosto demais do Funaro, mas..." – eu estava completamente perplexo, aturdido. O João Manoel e o Belluzzo pressionando para eu ir também. Almocei com a minha mulher e meus filhos e foi uma cena engraçada, porque a minha mulher disse que eu não devia ir e meus três filhos, pequeninhos, dizendo que eu tinha que ir: "Pai, você deve isso ao Brasil, você deve a você mesmo". Então eu me lembro que encontrei com o Zé Roberto Guzzo, então diretor da *Veja* e a *Veja* tinha dado a minha foto como chefe de gabinete, porque o Funaro espalhou que seria eu, mas eu não tinha dito o "sim". Então eu brinquei com ele, quando ele passou no restaurante eu falei: "A *Veja* errou!" – e não tinha errado. Naquele momento ela tinha errado, mas virou verdade. E, à noite, fui fazer o programa, nos despedimos do Abílio e fui jantar com o Luiz Fernando e combinamos os termos da minha saída. Que era por um pequeno período, 90 dias e eu sabia que aquilo era mentira, que eu não conseguiria, quando me envolvesse, sair; e que eu poderia indicar o meu sucessor no período da minha ausência, o Sidney Bazilli. E eu fui, no outro dia, peguei um avião, cheguei lá e virei chefe de gabinete do Funaro. Uma experiência magnífica, um homem de uma coragem e de um patriotismo e de uma elegância e doçura que parece contraditório com a dureza com que ele negociava com os credores externos. Foi um privilégio trabalhar com ele e foi um privilégio acompanhá-lo, como eu tive a sorte, em quase todas as viagens internacionais. E eu vi esse homem falar coisas para os credores, para os banqueiros. Ele não queria e não deixou o Brasil ir ao Fundo Monetário Internacional. Fez o Plano Cruzado. Foi o primeiro laboratório, na minha modesta opinião do Plano Real e em condições péssimas, porque o Brasil não tinha reservas, não havia liquidez internacional, ao contrário da situação do Plano Real. A data não foi uma data escolhida por eles, 28 de fevereiro. Era transição do Governo Militar, o alto comando das forças armadas com medo de uma ameaça de uma greve geral que as centrais sindicais estavam ameaçando; a inflação disparando, então tinha que fazer alguma coisa. A partir do *paper* que o Pêrsio Arida e o André Lara Resende fizeram, chamado Larida, que é como começava a surgir essa história da moeda virtual, da URV [Unidade Real de Valor], tablita, eles tinham visto isso em Israel, enfim, aí foi juntando aquela equipe econômica, que era uma equipe heterogênea, de pessoas mais à direita ou mais conservadoras, como Pêrsio, o André e progressistas como o João Emanuel, o Belluzzo, o Luciano Coutinho, o



Callabi, uma equipe dos dois ministros que se juntam, para fazer a toque de caixa – porque tinha que ficar pronto dia 28 de fevereiro – e fazem o Plano Cruzado, que foi botou 30 milhões de consumidores no mercado de consumo. Deu errado por todas as razões que vocês conhecem, depois teve a moratória. E eu acompanhei o ministro negociando com os banqueiros, acompanhei como foi a decisão de suspender os pagamentos – que quem realmente tomou essa decisão não foi o Ministro, foi o presidente Sarney, eu estava presente – enfim, tive uma experiência muito rica, muito intensa; me deixou os cabelos completamente grisalhos, me deixou uma gastrite, mas foi muito rico ter vivido essa experiência naquele momento. A única vítima disso, do meu ponto de vista, do meu pequeno universo, foi a *Gazeta Mercantil*, porque ao tempo em que eu fui chefe de gabinete do Funaro, eu tratei a *Gazeta Mercantil* com muita distância. Eu achava que a *Gazeta* não precisava ter nenhum amiguinho no governo para ter boas fontes. E como o assessor de imprensa, por sugestão minha, era um diplomata, o Marco Antonio Diniz; o Funaro não convida porta-voz da imprensa, porque você nunca vai saber qual é a verdadeira lealdade e ele vai ter que voltar para algum jornal. E depois jornalista não sabe guardar segredo – e é até bom, porque o negócio dele é não guardar segredos, é contar segredos – e convida um diplomata que, em geral, tem boa formação e que sabe guardar segredo, que é uma das funções de um bom diplomata. E sabe lidar com as pessoas, com a imprensa, é uma boa idéia. Então eu pedi ao, hoje embaixador Samuel Pinheiro Guimarães que me indicasse um jovem diplomata e ele me indicou o Marco Antonio. Eu tive que negociar depois com o então Secretário Geral que era o Paulo Tarso Flecha de Lima e ele conseguiu ceder, por empréstimo, o Marco Antonio e ele foi o porta-voz, o assessor de comunicação do Ministério da Fazenda. Foi um excelente assessor e a experiência resultou positiva, acho que para a imprensa e para o governo. E o Marco Antonio deu-se muito bem.

**Você tem essa longa trajetória como jornalista e essa experiência de dentro do governo em um momento muito rico, que é o nosso primeiro governo pós-ditadura, e uma experiência inédita do ponto de vista da economia, que é o Plano Cruzado, que vai ter um impacto social muito forte. Chega um momento em que o próprio governo mobiliza a sociedade, com os chamados “fiscais do Sarney”. Então tem uma novidade e um impacto muito grande. Como jornalista, como você avalia a forma como a imprensa cobriu essa novidade? Como ela relatou, discutiu e analisou para um público que estava ali sob um impacto muito grande dessa experiência do Plano Cruzado?**

Boa parte da imprensa, ou a maioria – e aí não há nenhuma crítica – estava perplexa. Era um plano heterodoxo, não era uma coisa comum. Poucos entenderam. *A Gazeta Mercantil* entendeu – não porque eu estava lá – mas ela tinha jornalistas especializados. Alguns jornalistas de alguns jornais entenderam, outros começaram a entender o que se passava – porque foi um plano secretíssimo, ninguém sabia e surpreendeu a nação. Agora, como ele ganhou grande popularidade, enorme popularidade. Teve, se não tivesse tido tanto mérito – e teve tantos -, entre outro de ter sido laboratório do plano de estabilização do Fernando Henrique, o Plano Real; as mesmas pessoas ou quase todas as mesmas que fizeram. E teve o mérito de mostrar como era o povo brasileiro. O povo fazia fila ordeiramente, ninguém furava fila, porque havia escassez de alimentos; nós estávamos sem reservas, não podia importar, quase. Começou o ágio e aí começou a fazer água, mas o povo aplaudia. Era pra começar um processo de descongelamento, mas o presidente não quis. Um processo lento e negociado com os setores de descongelamento, mas o presidente não quis. Havia eleições – e eu não vou julgar o presidente Sarney, com quem eu tenho boas relações; o que eu faria no lugar dele, ainda bem que nunca estive lá, mas ele não quis que começasse. Eu me lembro que o porta-voz dele disse uma vez – o ministro estava no Senado em depoimento – que falar de descongelamento era traição nacional. E nós estávamos começando a discutir com os setores para descongelar, subir assim e tal. Era uma luta dura, muito difícil, não sei se teria dado certo. Eu corri com aquilo e liguei para o gabinete do senador, onde ele já estava conversando na presidência do senado e disse a ele: “Houve isso aqui” e ele estava falando dos congelamentos no senado. “Não diga”, não sei o que houve, sei que ele foi direto à presidência, conversaram lá, mas o projeto, o processo de descongelamento foi sustado. Eu não quero dizer que teria dado certo, ninguém sabe, eu tenho a minha própria opinião, mas eu sequer economista eu sou. Como vocês viram eu sou autodidata, o único curso que eu tenho é o curso de técnico em química industrial, especializado em siderurgia. Quem sou eu para dar opiniões sobre o que teria sido certo ou não. Tenho a minha própria opinião e acho que é mais honesto dizer que foi, num momento imposto, por condições muito adversas do ponto de vista internacional, do ponto de vista das reservas brasileiras e do aprendizado da equipe. Mas veja, havia um noviciado e a perplexidade, um plano heterodoxo, feito antes da hora para ter uma idéia porque antes da hora, greve geral sendo marcada, o país recém democratizado, ainda não havia constituição nova – estamos falando de 85, 86 – então o governo Sarney, um presidente que assumiu em uma aliança conquistada no congresso para eleger pelo voto indireto o presidente da república; morre o presidente Tancredo, o Sarney assume; o país

solto; ainda os militares com grande influência; a sociedade sem saber como exercer a cidadania; as instituições haviam sido mutiladas ou destruídas; os partidos políticos haviam sido transformados em dois, a Arena e o MDB, enfim, isso tudo era o pano de fundo daquele momento, a data foi imposta foi aquela correria para fazer o plano, havia as condições adversas que eu referi, as reservas muito baixas, a economia brasileira desorganizada, inflação subindo muito... A data foi errada e o plano, em decorrência da escassez de mercadorias – porque entrou uma Argentina dentro do mercado consumidor, são trinta milhões de brasileiros que passaram a consumir. Não podia importar muito porque tinha pouca divisa, mas eu acho também – e isso tem a ver com a sua pergunta sobre a imprensa – em um primeiro momento perplexa e em um segundo a favor, porque o povo foi a favor, os fiscais do Sarney. O povo mostrou que sabia fazer fila. Ninguém furava as filas. Fechavam os supermercados que remarjavam preços e aí a imprensa foi um pouco porta voz daquele aplauso. O Funaro foi mesmo uma figura messiânica, que acreditava naquilo. E eu acho que quando os problemas começaram a surgir, o ágio e talvez o Ministro Funaro pudesse ter apertado um pouco a liquidez, aumentando o compulsório dos bancos, mas ele tinha a cabeça de um industrial, ele era um industrial, então ele não queria tirar a liquidez para financiar o desenvolvimento econômico. Ele apostava que tendo recursos, o sistema financeiro haveria crédito, as empresas iriam crescer e ia poder alcançar, enquanto o processo de descongelamento se dava, uma situação mais estável. As críticas da imprensa começaram a surgir quando as vozes mais liberais – que, em geral, representam o ponto de vista da elite – começaram a apontar os erros e os problemas. Os problemas apontavam corretamente. O diagnóstico dos erros muitas vezes era carregado de um viés “liberalóide” de como deveria ter feito, devia ter congelado. Devia deixar e o que ia acontecer? Quem estava lá sabe o que era aquele risco, repito: greve geral; militares podiam voltar a qualquer momento – pelo menos nós temíamos isso; presidente fraco, sucessor de um presidente que seria forte, mas que morre tragicamente e a nação comovida. O país tinha sido abalado por vários traumas. Então acho que a imprensa cometeu um erro que eu acho que ela comete com frequência, acho eu, na minha opinião modesta, que é reproduzir o pensamento da elite. E se vocês quiserem, é uma coisa que eu digo a todo ??: eu acho que a elite brasileira, estranhamente, às vezes faz coisas contra os seus próprios interesses, que é uma coisa isso. A elite brasileira ajudou a destruir o plano cruzado com remarcações de preços. E o que tinha havido, se eu puder fazer uma simplificação bem grosseira do plano cruzado: foi uma fantástica transferência de renda do setor financeiro para o setor produtivo. E muitos industriais contribuíram – por questões ideológicas ou por ganância – para destruir um plano

conduzido por um industrial que depois de tantos anos, se é que já tivesse havido algum que tinha sido Ministro da Fazenda. Então foram equívocos. Essa última parte é uma opinião muito pessoal minha, a todo risco, porque como eu disse não sou economista, embora tenha convivido com eles e com os empresários e venho convivendo ao longo de todos esses anos. Conheço pouco. Eu costumo dizer que não toco por partitura, mas toco de ouvido e tenho bons amigos à direita e à esquerda, aos quais eu respeito muito. Mas acho que houve isso e a imprensa um pouco fez aquilo que eu chamo de jogo de espelhos. A imprensa fala com a elite e a elite fala com a imprensa. Como agora, nós estamos em 2008, exceto a crise mundial, mas até recentemente você tinha uma economia indo razoavelmente bem e a imprensa fazendo crítica e vítima do chamado pensamento único – que, aliás está em silêncio agora quando o governo americano resolve, espero até que consiga, socializar os prejuízos do sistema financeiro para salvar a economia americana e do planeta. Portanto, é melhor que achar que está certo, não está, mas é melhor achar que está certo. É o Estado intervindo. Felizmente o Brasil está em uma situação bem melhor do que já esteve. Será afetado, já está sendo. Espero que a imprensa saiba cobrir isso agora com mais equilíbrio e reconhecer os méritos. Até não só os méritos inegáveis do Plano Real, que estabilizou a economia, mas os méritos da política econômica, exceto – na minha opinião – o exagero na taxa de juros. Que ao meu juízo são exageradamente altos. Perdemos uma janela de oportunidades em um mundo grande de crescer a taxas ainda maiores. Agora vamos amargar crescimentos menores por causa da crise financeira internacional. Espero que a imprensa saiba cobrir pelo menos em um jeito plural. Porque eu acho que a imprensa ficou, novamente, vítima do pensamento único e que o mercado resolve tudo.

**No auge da ditadura militar era possível a imprensa ter uma visão crítica, analítica, do dito milagre?**

Era muito mais difícil. Houve várias tentativas heróicas como o jornal *Opinião*, o jornal *Movimento*, o *Pasquim*, nas redações houve a censura, a *Veja*, o *Estado*, nós mesmos na *Gazeta Mercantil*, mas os militares não entendiam direito desse negócio, porque o jornal era do homem da UDN, eles não prestavam muita atenção. Houve dois ou três problemas comigo, mas nada que impedisse o jornal de sair. E era possível fazer crítica, mas muito cautelosamente. A imprensa estava sobre censura formal. Havia a censura informal e depois transformada em censura formal, com censores nas redações, o que fez aí, curiosamente, os donos dos jornais – quase todos apoiaram o golpe – ficarem contra quando a coisa chegou para o lado deles. Até por serem genuinamente liberais e eles ficaram contra e

permitiram que seus dirigentes, jornalistas, fizessem versos de Camões para denunciar, receitas de bolo no lugar da notícia, para denunciar a existência da censura à imprensa. E os jornais alternativos tentando fazer a resistência possível. Mas isso era muito difícil. Nos jornais de negócios, menos, seja porque os militares não entendiam direito disso, seja porque a economia durante boa parte desse período cresceu, as taxas chinesas durante anos, crescia a 10% e havia demanda por essas notícias; e as notícias econômicas elas não tem, pelo menos em uma primeira leitura, um viés de crítico do ponto de vista da política *stricto sensu*, embora seja carregada de política, ela não é explícita. Então, certamente, a *Gazeta Mercantil* e os outros jornais e as outras publicações de economia e negócio tenham sido até beneficiadas por essa desatenção dos militares e dos governantes. Mas eu me lembro, na *Gazeta Mercantil*, nós falávamos com o Ministro Delfim [Neto], a quem eu me dou muito bem, respeito profundamente, é um grande economista e que é um desenvolvimentista, sempre foi. Eu falava com ele e ele saía no jornal e havia alguns economistas, professor Belluzzo, professor Lessa que faziam críticas, mas eram críticas dentro dessa liberdade consentida, digamos assim, ao jornal que falava com a elite explicitamente sobre questões de economia, finanças, agricultura, matérias primas, *commodities*. Então era muito difícil, voltando a sua pergunta. Comigo mesmo eu tive dois ou três episódios. Tinha uma tal de Dra. Suely que ligava para as redações dizendo que não podia publicar tal notícia. E um dia eu, atrevidamente, disse para ela que me recusava a tirar. Eu nem ia dar a notícia, porque não tinha nada a ver conosco. Ela ligou lá, uma burocrata e eu disse a ela que não ia tirar, não por desobediência, mas eu não ia tirar porque eu não sabia se era ela mesma e ela podia ser de um concorrente, que queria tirar uma notícia boa da *Gazeta*. Ela ficou insultada, disse que não podia me dar o telefone, porque ela sabia que aquilo era uma coisa ilegal, mesmo na ditadura era ilegal a censura. E no outro dia e fui chamado à Polícia Federal. O superintendente do jornal foi no meu lugar, eles não queriam falar com ele, queriam falar comigo. Aí foi outro golpe de sorte muito engraçado. Era chefe da Polícia Federal o coronel [Antonio] Lepiane, que tinha ido para lá depois de ter tido uma carreira vitoriosa no Exército, era um homem conservador, mas ele foi da guarnição e era até padrinho, se não me engano, do [Carlos] Lamarca. E por conta do episódio da fuga do Lamarca, que é transformado em um guerrilheiro, o Lepiane, aparentemente por isso, foi colocado lá na Polícia Federal. Mas eu me lembrava dele do tempo em que o ministro Funaro, então industrial – ele tinha uma fabrica de brinquedos chamada Troll – e a mulher dele dava brinquedos para uma associação de caridade que eu acho que a esposa do coronel Lepiane tinha. E esse lance é engraçado porque eu fui lá e achei que ia ser preso de novo. “Duas vezes não”, mas eu vi o coronel

Lepiane e eu disse ao delegado: "Eu quero falar com o Lepiane"; "Porque?"; "Eu sou amigo dele" – era mentira, eu tinha visto na casa do Funaro. Aí entrei e falei: "Como vai, coronel? Trago um abraço do Dr. Funaro para o senhor"; "Ah, como vai o senhor?" – constrangido de dizer que não me conhecia – "Sente aqui. Como vai você?"; "Continua usando os brinquedos da Troll?"; o delegado foi embora e ele perguntou: "O que você está fazendo aqui?"; eu contei para ele e ele: "Ah, meu filho, você tem razão. Ela não pode dar o nome dela, porque isso é ilegal. Nós fazemos, mas é ilegal. Mas eu vou falar com ela agora e ela vai dar o nome para você telefonar de volta, para ver se é ela mesmo". Felizmente isso não me ocorreu e eu me salvei de ser preso por um lance de sorte!